



GILBERT DURAND, O IMAGINÁRIO COLETIVO E A BRUXA

RESENDE, Elle Beethoven S. Resende. Mestre em Ciências das Religiões\UFPB-CE-PPGCR. (E-mail: elle.beethoven@gmail.com)

CAVALCANTI, Carlos André Macêdo. Professor Doutor (UFPE) e Pós-Doutor (PUC) na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, onde atua no ensino e na pesquisa, níveis de Graduação e Pós-Graduação nas áreas de Ciências e História das Religiões.

RESUMO

Neste artigo pretendemos analisar a arte católica romana, sendo esta uma arte ditada pela formulação conceptual de um dogma. Não reconduz a uma iluminação, “ilustra” simplesmente as verdades da Fé dogmáticamente definidas. Dizer que a catedral gótica é uma “bíblia de pedra” não implicaria de certo, que seja feito uma interpretação livre, que a Igreja recusaria para a própria bíblia escrita. Para Durand (1995), essa expressão significa simplesmente que a cultura, o vitral, o afresco, são ilustrações da interpretação dogmática do Livro.

Palavras-Chave: Durand. Imaginário. Bruxa.

ABSTRACT

In this article we intend to analyze Roman Catholic art, which is an art dictated by the conceptual formulation of a dogma. It does not lead to enlightenment, it simply "illustrates" the dogmatically defined truths of the Faith. To say that the Gothic cathedral is a “stone bible” would not imply, of course, that a free interpretation be made, that the Church would refuse for the written bible itself. For Durand (1995), this expression simply means that culture, stained glass, fresco, are illustrations of the Dogmatic interpretation of the Book.

Keywords: Durand. Imaginary. Witch.

INTRODUÇÃO

A arte católica romana é uma arte ditada pela formulação conceptual de um dogma. Não reconduz a uma iluminação, “ilustra” simplesmente as verdades da Fé dogmáticamente definidas. Dizer que a catedral gótica é uma “bíblia de pedra” não implicaria de certo, que seja feito uma interpretação livre, que a Igreja recusaria para a própria bíblia escrita. Para Durand (1995), essa expressão significa simplesmente que a cultura, o vitral, o afresco, são ilustrações da interpretação dogmática do Livro (DURAND, 1995, p. 37).

E é nessa perspectiva que a sociedade europeia do século XIV foi marcada por medos e visões escatológicas, difundidas principalmente, a partir do seio da Igreja Medieval, compondo parte do discurso teológico que justificavam muitas vezes as catástrofes anunciadas e vividas no imaginário simbólico popular, com ao exemplo da alegoria dos quatro cavaleiros do Apocalipse: a fome, a guerra, a epidemia e a morte. Das misérias terreaux às glórias do firmamento, Le Goff (2007), vai chamar atenção:

Certamente, os homens da Alta Idade Média trabalhavam, lutavam pela vida terrestre, pelo poder terrestre, mas os valores em nome dos quais viviam ou combatiam eram valores sobrenaturais, a saber: Deus, a Cidade de Deus, o Paraíso, a Eternidade, o desprezo do mundo, a conversão, o exemplo de Jó, aniquilado diante da vontade de Deus. O horizonte cultural ideológico e existencial dos homens era o Céu (GOFF, 2007, p. 214).



A sociedade do Medievo foi marcada e densamente influenciada pela religiosidade e misticismo. Era habitual explicar o aparecimento de doenças, epidemias e pestes por meio de especulações atribuídas à ira divina pelos desatinos e pecados dos seres humanos. Fato é que tais pandemias provocavam altos índices de mortalidade e os homens deveriam aceitar os desígnios divinos. É notório que em alguns aspectos a medicina estava limitada. Haja vista não possuírem condições em promover um tratamento eficaz a muitas dessas enfermidades. É nesse cenário, a ação ideológica advinda de intelectuais da Igreja, reproduziram um novo pensamento, imprimindo, dominando e mantendo-os alienados.

O retrato estrutural da bruxa no aspecto sociocultural e religioso

A construção histórica da figura mítica da *bruxa* tem dentre os seus possíveis nascedouros, em primeiro lugar, a intolerância ao gênero feminino, contida do sistema patriarcal. Narrativas do mundo antigo¹ descrevem como as civilizações enfocavam que as mulheres estavam sempre às sombras dos homens, são raras as exceções. A bruxa foi perseguida em particular pelo cristianismo. Ao retornarmos ao século I da Era Cristã, observamos que as primeiras comunidades cristãs eram consideradas pelos judeus não messiânicos, como uma seita² herética³, esse entendimento foi perpassado à mentalidade do dos romanos, que por sua vez, promoveram diversas perseguições em seu domínio territorial. Perseguição estas que perduraram até o século IV, que por meio do Edito de Milão em 313 d.C., o Imperador Constantino resolveu tolerar e proibir os ataques aos seguidores de Cristo. Ao término desse mesmo século o cristianismo já era a religião oficial do Império.

O cristianismo, enquanto fenômeno religioso foi influenciado diretamente por aspectos socioculturais, econômicos, políticos e religiosos dos povos que confluíam dentro da extensão territorial do Império Romano. Destacamos dentre eles: os judeus, os gregos e romanos por entender que serviram como bases no tratamento da figura feminina, haja vista que nessa sinergia houve contribuições para o desenvolvimento e consolidação do cristianismo e também como se deu a influência do patriarcalismo dentro da religião cristã. Como nos faz entender Francisco Taborda (1990) em: *Feminismo e Teologia Feminista no Primeiro Mundo, tomar consciência da discriminação da mulher supõe uma análise da sociedade desde o ponto e do lugar social da própria mulher. Patriarcado, androcentrismo⁴, sexismos são características que entram em questão nesse contexto* (TABORDA, 1990, p. 313).

¹ Flávio Josefo escreveu, em seu livro *Contra Apião*: “A mulher, dia a Lei, é inferior ao homem em todas as coisas. Ela deve obedecer não para se humilhar, mas para ser dirigida, pois foi o homem que Deus deu o poder” (2,24). “Mulheres, escravos (pagãos), crianças” são quase sempre associados nas citações. Recomendava-se aos homens a seguinte prece: “Louvado seja Deus que não me criou mulher” (MORIN, 1988, p. 56).

² Os primeiros cristãos não criam que pertenciam a uma nova religião. Eles eram judeus, e a principal diferença que os separava do resto do judaísmo era que criam que o Messias tinha vindo, enquanto que os demais judeus aguardavam o seu advento. Sua mensagem aos judeus não era, portanto, que tinham de deixar de serem judeus, mas ao contrário; agora a idade messiânica havia sido inaugurada, dessa forma deveriam ser melhores judeus [...] Para aqueles cristãos, o judaísmo não era uma religião rival do cristianismo, mas sim a mesma religião, muito embora os que a seguissem não entendessem que as profecias já se haviam cumprido [...] do ponto de vista dos judeus não cristãos, a situação era a mesma. O cristianismo não era uma nova religião, mas sim uma seita herética dentro do judaísmo (GONZALES, 1990, pp. 49-50).

³ O termo grego *hairesis* denota propriamente “escolha”, e esse é o significado que sempre tem a Septuaginta; nos autores clássicos, entretanto, pode referir-se a uma escolha filosófica que um indivíduo qualquer prefere seguir (O Novo Dicionário da Bíblia, 1981, p. 709).

⁴ Androcentrismo, designa-se toda a ação e reflexão feita na óptica do varão, estabelecendo-o como ponto de referência e paradigma do ser humano (TABORDA, 1990, p. 314).

⁵ Sexismo é a atitude, mentalidade, ideologia que define as pessoas pelo sexo, impõe-lhes limites e apõe-lhes etiquetas por causa do sexo e por essa causa as discrimina. O sexismo é no âmbito do sexo o que o racismo no âmbito da raça. O sexismo apresenta um esteriótipo de mulher: a mulher ou é a moça virgem, ou a mãe sacrificada, ou a tentadora atraente. Em outras palavras: a mulher infantilizada (virgem), a mulher idealizada (mãe), a mulher



O patriarca era autoridade inquestionável, visto como chefe da família. Ele era temido, pois cabia a ele controle dos componentes que faziam parte da esfera de seu domínio. Temido em dados momentos devido ao controle da vida e os bens de sua(s) mulher(es) e filho(s). Aquele que imprimia no coração e na mente de seus comandados, todas as virtudes e qualidades possíveis a um ser humano, o que era certo ou errado, sacro ou profano, o que poderia ou não ser feito, ou seja:

O patriarca era chamado de *pater familias*, “pai de família”, proprietário de todos os bens: esposa, filhos, escravos, animais, edifícios, terras e tudo girava em torno dele, daí derivando o patriarcado, uma instituição cujo legado está conosco até hoje, um regime social em que o pai exerce autoridade preponderante (FUNARI, 2015, p. 99).

A posição legal da mulher na sociedade hebreia era inferior ao do homem. Este poderia divorciar-se de sua esposa caso encontra-se algo indecente nela, mas o mesmo direito não era admitido à esposa. Ela não poderia divorcia-se do marido por nenhuma razão. Vejamos uma referência encontrada no Pentateuco:

Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, então será que, se não achar graça em seus olhos, por nela encontrar coisa indecente, far-lhe-á uma carta de repúdio, e lhe dará na sua mão, e a despedirá da sua casa. Se ela, pois, saindo da sua casa, for e se casar com outro homem, E este também a desprezar, e lhe fizer carta de repúdio, e lha der na sua mão, e a despedir da sua casa, ou se este último homem, que a tomou para si por mulher, vier a morrer. Então seu primeiro marido, que a despediu, não poderá tornar a tomá-la, para que seja sua mulher, depois que foi contaminada; pois é abominação perante o Senhor; assim não farás pecar a terra que o Senhor teu Deus te dá por herança (Deuteronômio 24:1-4).

Tobarda (1990) enfoca que a “mitologia judeu-cristã”, não permite ajudar a conceituação de Deus. Como por exemplo, recorda que o mito de Adão e Eva é a causa do antifeminismo, pois projeta a culpa humana sobre a mulher. Essa falsa identificação do mal leva a uma falsa identificação da mulher, do varão e de Deus. Também a ideia de Deus Pai que gera um Filho divino, parece-lhe completamente inadequada para a perspectiva feminina (TABORDA, 1990, p. 324).

Na civilização da Grécia Clássica percebe-se a simplicidade em que as estruturas familiares se estruturavam. Eram marcadas por famílias nucleares, compostas por pai, mãe e filhos, nas quais todos trabalhavam para garantir a subsistência. No tocante ao casamento podemos perceber que os jovens das camadas mais simples matrimoniavam mais cedo. Já as famílias mais abastadas casavam-se tardiamente. Pois em geral o noivo servia o exército por certo tempo antes de casar, portanto:

A mulher passava a fazer parte da família do marido e seus laços e de seus filhos davam-se pelo lado paterno, em uma relação patrilinear, centrada sempre no lado dos antepassados dos homens. O casamento, para a elite, visava à transmissão da herança e, por isso mesmo, esperava-se que da união resultasse filhos, os herdeiros: a ausência de herdeiros podia levar ao pedido de divórcio (FUNARI, 2015. p. 46).

A sociedade romana não difere do conceito patriarcal das que já foram supracitadas.

demonizada (prostituta). A partir dessas categorias, cria-se uma mentalidade maniqueia: a mulher ou é santa ou é pecadora, ou de Deus ou do diabo (TABORDA, 1990, p. 314).



As mulheres, por séculos, foram aviltadas, estigmatizadas e reprimidas. Especificamente na baixa idade média a “caça às bruxas” refere-se a “caça às mulheres”, e essas são caçadas por serem malignas. Um segundo nascedouro mítico se funda na misoginia clerical à figura feminina. Essa aversão foi vivenciada sem precedentes na história ocidental⁶.

A vida cristã ascética atraía uma variedade enorme de adeptos. O objetivo comum era combater e vencer as tentações do mundo: a gula, a avareza e, principalmente, o impulso da carne, que era uma tentação sempre recorrente em suas vidas.

Apesar da autovigilância para controlar o desejo sexual e o próprio corpo, foram frequentes os casos de deslizos, abalando muitos mosteiros. Parte dos religiosos fazia coito com as jovens que encontravam nos desertos, justificando, quase sempre, que nem o avanço da idade nem o tempo já passado em continência alteravam o desejo (BARROS, 1995. p.91).

Esses celibatários com o passar dos séculos tornar-se-iam mestres na arte da inquirição⁷, súditos imprescindíveis da Inquisição. E as mulheres continuavam sendo apresentadas como fator principal de perdição para o gênero masculino e paulatinamente o estigma da magias, heresia⁹ e superstição¹⁰ se aglutina ao mito a ela imposta. Nas lentes de Klaus Hock, percebemos que:

Termos como “seita”, “magia”, “superstição” etc. não podem ser utilizados como termos científico-religiosos, por serem fortemente marcados por sua história de proveniência cristão-teológica, onde servem, como termos de combate apologista. No entanto, às vezes não é possível evitar que tais categorias encontrem acolhida também na terminologia científico-religiosa – por exemplo, “sincretismo” ou “conversão” (HOCK, 2010, p. 32).

Sabe-se que cristianismo é uma religião prosélita, cuja mensagem direciona-se a todo o mundo. Nela não há lugar para ancestrais de um clã, tribo ou povo inteiro. Mais do que isso, esses ancestrais representam potenciais obstáculos à missão (GRESCHAT, 2005, p. 123). É nesta perspectiva evangelizadora, onde o mito da figura da bruxa deveria ser combatido e sua voz abafada.

Por fim, o último nascedouro ligado à construção mítica da figura simbólica da bruxa achava-se associada aos cultos rurais de fertilidade. Essas cerimônias estavam ligadas a terra e propiciavam uma colheita abundante para os praticantes desses ritos cerimoniais que foram interpretados erroneamente, assim. As práticas mágicas remontam à aurora dos povos e estão presentes em todas as culturas de que se tem conhecimento, integrando o universo da religião

⁶ A tese de Doutorado de Ruston Lemos de Barros intitulada, *Carne, moral e pecado no século XVI: O ocidente e a repressão aos “deleites” da volúpia e aos “delitos” por cópula “ilícita”*. Onde é recuperando toda uma linguagem do “pecado”, preocupando-se em resgatar as experiências dos “deleites” e dos “delitos”. Procura demonstrar, enfaticamente a falência do discurso e da prática da Igreja Católica Apostólica Romana.

⁷ O termo Inquirir visa apurar a verdade, os Inquisidores chamavam à Mesa os réus para inquiri-los. Durante esses interrogatórios o preso era convencido a confessar, ou definia-se renitente em suas negativas. Tinham três oportunidades para falar. Os Regimentos inquisitoriais prescreviam três tipos de sessões: a primeira, de Geneologia, a segunda, de gênero, e a terceira, de espécie (SIQUEIRA, 2015, p. 575).

⁸ A magia aparece como uma arte ou pré-ciência – e em uma curiosa combinação aparece como uma arte pré-científica – primitiva, entremeada ou não com elementos de fundo religioso, destinada a provocar fenômeno extraordinário junto a uma ordem natural do cosmos. Ou ainda a arte de reduzir a serviço próprio, por meio de práticas ocultas – sob uma roupagem mais ou menos religiosa -, as forças da natureza, ou captar as influências do mundo invisível (NOGUEIRA, 2004, pp. 17-18).

⁹ Trata-se de interpretações errôneas dos dogmas e dos dados da Revelação, quer de tendências morais aberrantes ou ainda de cisões provocadas por personalidades fortes mas perdidas em seu orgulho (GONZAGA, 1994, p. 92).

¹⁰ Refere-se à crença em presságios e sinais.



(SOUZA, 1987, p. 11). As mulheres consideradas bruxas, não eram desconhecidas ou ficavam à margem da sociedade. Igualmente, morava em aldeias e todos as conheciam.

No tocante ao “sucesso da colheita”, pode ser observados que tais ritos foram demasiadamente deformados pelos inquisidores, por sua vez inseriram um sentido um tanto quanto diabólico, pois tais cerimônias na realidade estavam intrinsecamente ligadas aos cultos pré-cristãos da fertilidade¹¹ presentes desde os primórdios da Antiguidade, tendo sobrevivido na Europa até a Idade Moderna.

Essa guerra desenfreada da “caça as bruxas”, nada mais era que uma guerra entre o mundo masculino dominante e o feminino que representava a fertilidade. Portanto, era o efetivo combate a toda manifestação de poder matriarcal¹². Os religiosos detentores da única verdade sejam eles representados por monges franciscanos e ou dominicanos, os quais eram agentes inquisitoriais e protetores do saber sagrado, eram vistos como os verdadeiros cristãos e sábios da fé, e aqui fica evidente um dos papéis que deveriam exercer de modo eficiente que consistia na identificação dos casos inerentes a bruxaria e feitiçaria. A nomeação dos inquisidores era uma tarefa em tese do Pontífice, contudo aos poderia também ser escolhidos pelas autoridades provinciais locais. Vejamos:

A nomeação dos inquisidores na península Itálica, desde o estabelecimento dos tribunais da fé até o século XVI, era relativamente confusa. Com efeito, os inquisidores eram teoricamente nomeados pelo Papa, mas pouco a pouco se verifica uma delegação desses poderes de nomeação aos superiores provinciais ou locais das ordens mendicantes [...] São esses traços originais da Inquisição medieval que se mantêm depois da reforma da Inquisição romana em 1542, embora o Papa e a congregação dos cardeais comecem, pouco a pouco, a exercer o direito de nomeação dos inquisidores, suprimindo a delegação desse poder aos superiores das ordens, continuam a nomear religiosos dominicanos e franciscanos, respeitando em geral as zonas de partilha estabelecidas ao longo dos séculos entre as ordens (BETHENCOURT, 2000, p. 125).

Na baixa Idade Média, Alexandre IV condenou qualquer tipo de práticas mágicas. Em 1320, João XXII encarregou os inquisidores de Toulouse de intervir contra os bruxos.

Em 1436, o juiz Claude Tholosan declarou que os magos e bruxas não tinham a indulgência da Igreja e considerou suspeita até práticas populares aparentemente inócuas, como a colheita das plantas durante a festa de Santo Antônio. Em 1451, Nicolau V exortou os inquisidores a punir os adivinhos mesmo quando não houvesse uma condição evidente de heresia: a Inquisição podia, assim, atingir também a superstição popular. Por volta do final do século XV, o bispo de Paris determinou a excomunhão a qualquer um que lesse as mãos (MALUCELLI; TOMAT; FO, 2007, p. 148).

¹¹ No século VIII, um pequeno número de profetas quis levar o povo a adorar exclusivamente Jeová. Mas esse não foi um movimento popular. Como guerreiro, Jeová era insuperável, mas não tinha conhecimento especializado em agricultura, de modo que, quando queria uma boa colheita, era natural que o povo de Israel e Judá recorresse ao culto do deus local da fertilidade, Baal, e sua irmã-esposa Anat, praticando o rito sexual comum para tornar os campos férteis (ARMSTRONG, 2007, pp. 13-14).

¹² Sócio-culturalmente, o matriarcado teria precedido o patriarcado, pelo menos no âmbito mediterrâneo. Nas sociedades pré-históricas a divindade principal é do sexo feminino. A relação entre concepção feminina de Deus e ordem social faz com que feministas radicais não admitam mais unir feminismo e cristianismo. Chamam de “revisionistas” as teólogas cristãs, pois consideram impossível que as figuras masculinas de Javé e Cristo possam simbolizar a libertação da mulher. É preciso voltar à deusa, pois “being female ist divine” (“ser fêmea é divino”) (TABORDA, 1990, p. 326).



Aos poucos e de uma forma tênue e contínua os monges clericais utilizam sua influência e autoridade advinda da Igreja Católica Apostólica Romana para construir uma nova mulher, ressignificada como bruxa. E sobre a questão conceitual do termo bruxa e seus encantamentos diabólicos o Santo Isidoro propõe uma conceituação terminológica, vale assinalar que:

Primeiro, pela descrição das bruxas feita por Santo Isidoro em seu *Etymologiae*, c. 9: as bruxas são assim chamadas pela negrura de sua culpa, quer dizer, seus atos são mais malignos que os de quaisquer outros malfeitores. E o autor continua: elas incitam e confundem os elementos com a ajuda do demônio, causando terríveis temporais de granizo e outras tempestades. E mais: enfeitiçam a mente dos homens, levando-os à loucura, ao ódio insano e à lascívia desregrada. E, prossegue o autor, pela força terrível de suas palavras mágicas, como um golpe de veneno, conseguem destruir a vida (KRAMER, SPRENGER, 2015, p. 74).

Existem, com efeito, feitiços, malefícios e encantamentos diabólicos, que não só fazem adoecer os homens como também os matam. Precisamos, ademais, nos empenhar em compreender claramente o que de fato acontece quando, hoje em dia, pelos poderes do Diabo, os magos e as bruxas são transformados em lobos e em outros animais selvagens (KRAMER, SPRENGER, 2015, p. 65).

O Pontífice Inocêncio VIII faz um endosso do ato persecutório no ano de 1484 na bula papal *Summis desiderantes affectibus*, em outras palavras, buscava por fim às práticas de feitiçaria ou bruxaria espalhadas por todo o território católico, sejam eles advindos pelas mulheres ou homens que foram acusados de tais práticas proibidas. Vejamos:

A bula papal *Summis desiderantes affectibus*, promulgada por Inocêncio VIII, em 5 de dezembro de 1484, marcou a data de início daquilo que se tornou um verdadeiro extermínio em massa de mulheres e homens acusados de bruxaria. Nesse documento, o papa, alarmado pelas notícias provenientes do norte da Alemanha, onde parecia que os cultos satânicos e a bruxaria tinham muito adeptos, dava aos inquisidores plenos poderes para extirpar o fenômeno. Dois anos depois, foi o poder leigo que interveio. O imperador Maximiliano da Áustria emanou uma ordem na qual convidava todos os bons católicos a ajudar os inquisidores em sua obra (MALUCELLI, TOMAT, FO, 2007, p. 149).

A figura feminina foi então demonizada pelos Inquisidores, de maneira tal que alguns, como os dominicanos Sprenger e Kramer, chegaram a afirmar que eram possuidoras de poderes mágicos¹³, como por exemplo: enfeitiçar e matar rebanhos e homens com o olhar. Daí a expressão que chega até nossos tempos: o chamado mau-olhado; Promover a saúde ou a doença com sua influência mental; Produzir a escassez de alimentos, seca, tempestades e múltiplos outros efeitos naturais; Fazer adivinhações, já que invocavam o demônio de maneira expressa; Poder revelar o futuro; Exercer a prática da necromancia¹⁴, a astromancia¹⁵ e a

¹³ As bruxas, não pelo exercício de seus poderes naturais, mas tão somente pelo intermédio do Diabo, é que são capazes de executar efeitos maléficos. E os próprios Demônios só os podem infligir por meio de objetos materiais, em forma de instrumentos – ossos, cabelos, madeira, ferro e toda sorte de objetos (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 82).

¹⁴ Termo utilizado para denotar a capacidade humana em prever o futuro através do contato com os espíritos dos mortos.

¹⁵ Expressão utilizada para designar a previsão do futuro por meio da observação dos astros (corpos celestes, estrelas e planetas).



oniromancia¹⁶; Poder viajar pelo ar, no corpo ou na imaginação; Assumir a forma de gatos, ratos ou outro animal, pois diziam que elas eram metamorfos.

Para os inquisidores, as bruxas fizeram não só um pacto com o próprio Satanás¹⁷, mas renunciaram da maneira mais profana a fé católica, dedicando o corpo e a alma a todos os males e por fim, oferecer crianças em sacrifícios à Satanás. Era difundido também que se dedicavam a luxúria carnal com íncubos e súcubos que respectivamente são entidades demoníacas desencarnadas masculinas e femininas.

De modo semelhante, São Isidoro, no último capítulo de seu oitavo livro, afirma: “Os sátiros são chamados de Pã pelos gregos e de íncubos pelos latinos”. E são chamados de íncubos por se deitarem sobre algo – a entregarem-se a orgias. Pois, não raro, anseiam lubrificamente pelas mulheres e com elas copulam; e os gauleses chamam-nos de dúsios, por serem diligentes nessas bestialidades. O Demônio, porém, que a gente comum chama de íncubos, denominavam-no os romanos de fauno das figueiras, caminha suavemente pelas minhas terras e pelos meus campos ensolarados (KRAMER, SPRENGER, 2015, pp. 90-91).

O livro *Os andarilhos do bem* (2010), de Carlo Ginzburg, procura reconstruir uma religiosidade pré-cristãos entre o final do século XVI e a primeira metade do século XVII, que eram práticas de um culto celebrativo a fertilidade. Ginzburg traz várias confissões inquisitórias das quais muitas delas culminaram em morte.

Uma mulher condenada à fogueira em 1571 pelo podestá (era magistrado, autoridade responsável pela polícia e pela justiça nas cidades italianas) e pelo Conselho dos Anciões de Lucca, Margheritadi San Rocco, declara: “*fui ao sabbat, mas não pessoalmente, e sim em espírito, deixando o corpo em casa*”. E uma de suas companheiras (que tem o mesmo destino), Polissenadi San Macario: “tendo sido persuadida por uma das minhas tias, Lena da Pescaglia, a ir às assembleias de feiticeiras, um ano após a sua morte comecei a agir assim: quando era chamada e ela me dizia “vamos” (voz que só podia ser ouvida por mim), eu me besuntava com o unguento que me fora dado (GINZBURG, 2010, pp. 39-40).

Ao iniciar a audiência, a ré e suposta feiticeira era convidada a confessar e abjurar o demônio, caso não o fizesse, era torturada. Muitas destas declarações apresentadas foram obtidas mediante torturas privadas, e quem estava responsável neste processo eram hábeis algozes que se deleitavam de uma forma insana a “arte da tortura”. Provocavam assim puro pânico que se espalhava rapidamente entres as pessoas. Não custava muito tempo para que ao olhar fixo de experimentados monges dominicanos presentes a todo o processo pudessem ouvir a “verdadeira” confissão, como por exemplo:

No mesmo ano de 1582, frei Felice da Montefalco indaga a respeito de uma mulher de Cividale, Caterina, chamada “a Vesga”, viúva de um certo Andrea da Orsaria, acusada de praticar “*nonnullas maléficis artes*”¹⁸. Interrogada a 14 de setembro, ela declara que a sua ocupação é “costurar e tecer”, mas sabe

¹⁶ Palavra que se relaciona a capacidade do homem em predizer o futuro por meio da interpretação dos sonhos.

¹⁷ Até aqui firmamos nossas opiniões absolutamente sem preconceitos e abstendo-nos de juízos apressados ou irrefletidos, sem nos afastarmos dos ensinamentos e dos escritos dos santos. Concluimos, portanto, que esta é a verdade católica: para realizar perversidades, tema de nossa discussão, as bruxas e o Diabo trabalham em conjunto e, dentro do que nos é dado conhecer, nada é feito por um sem o auxílio do outro (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 80).

¹⁸ Algumas artes maléficis (N.T.).



curar as moléstias das crianças, pronunciando algumas palavras, que não considera supersticiosa. Então frei Felice lhe pergunta inesperadamente se ela é uma *benandante*. Catarine nega: “Eu não, senhor; eu não sou *benandante*. Mas o meu marido era, ele andava em procissão com os mortos” (GINZBURG, 2010. pp. 63-64).

Não obstante homens e personalidades de alta posição social também foram condenados à fogueira, mas isso não impedia que a grande maioria das suas vítimas fosse composta de mulheres pobres, muitas vezes à margem da sociedade. As parteiras não tinham um destino diferente, já que tinham experiência em fazer o parto de outras gestantes. Acreditava-se que se as crianças morressem durante o processo do parto, é porque tinham sido sacrificadas aos demônios, e se nascessem deformadas, aleijadas ou com qualquer problema de saúde era também atribuída à bruxaria da parteira.

Era comum encontrar nas aldeias mulheres sábias que desempenhavam um papel singular no seio da sociedade, pois cabia a elas atuar como profissionais da saúde sejam por meio do conhecimento obtidos pela tradição oral ou empiricamente.

A referência frequente a todos eles, na atual literatura sobre feitiçaria, como ‘parteiras’ é enganosa e muito limitada. Só no que diz respeito às suas funções de cura, as mulheres, além de atuarem como ginecologistas praticavam também como barbeiras (principalmente com sangrias), cirurgiãs (principalmente, colocando osso no lugar), médicas (diagnosticadoras) e farmacêuticas (herboristas). Quando acrescentamos a esses papéis médicos aqueles de adivinhas, necromantes, rogadoras de pragas e praticantes de contra magia, vemos as possibilidades dinâmicas de uma mulher sábia: num mundo onde nem o curandeirismo nem a terapia eram profissionalizados no nosso sentido da palavra. Curandeira, especialista em todos os assuntos relacionados ao sexo, e profetiza, ela podia ser chamada de ‘profissional da magia’, porque a base do seu poder em todas as áreas era ‘percebida como sendo o poder da magia’ (BARSTOW, 1995, p. 135).

A acusação era equivalente à culpa, ou seja, o processo por bruxaria aconteceria paralelamente ao de heresia e poderia ser feito por mera suspeita. Também existiam delações anônimas que eram aceitas como válidas e verdadeiras. Ao serem entregues à justiça, os acusados de feitiçaria deveriam aguentar e sustentar um logo combate, do qual raramente saíam vitoriosos. Os interrogatórios, as confrontações com os testemunhos, constituem uma prova terrível, uma vez que os juízes conhecem bem esses problemas e podem inquirir os réus sobre feitiços e malefícios, sabbats e orgias, confiantes em suas experiências e leituras oriundas dos escritos de Sprenger (MANDROU, 1979, p.82). Há relatos sobre casos nos quais eram colocadas urnas nas Igrejas para que se pudesse facilitar a delação.

A concepção de que a mulher possuía uma natureza inclinada para o mal e a luxúria, acrescentava-se e sai à ligação com a magia e práticas curandeiras ou de parto. Tal envolvimento nos “mistérios” do saber popular provocou a representação de sua diabolização. Na verdade, as crenças e as atitudes medievais não são muito claras, quanto à distinção na magia, entre bruxa e feiticeira. Para o povo, confundiam-se os conceitos: ambas voavam após o uso de um unguento mágico e prestavam culto ao “príncipe das trevas”. Mas, segundo um dito popular “... a bruxa nasce à feiticeira faz-se”. Prova disso é que Chiara Signorini, de Módena, admitiu, em 1519, poder tirar ou lançar malefícios sobre as pessoas porque se tornou feiticeira ao receber certos poderes de Deus. Já encarcerada, afirmou que tanto falou com Nossa Senhora como lembrou ter visto o **Diabo**, uma vez, em forma de um jovem adolescente (BARROS, 1995, p. 230).



Já no século XVI, constatam-se algumas delas que atuavam nas suas comunidades trazendo alívio ou curando outras pessoas, por meio de encantos mágicos ou porções distintas, partos bem-sucedidos, bênçãos especiais, e manipulação de plantas milagrosas. Práticas nas quais afastavam o mal das pessoas. Tais mulheres compunham uma voz que ecoava centenas de anos de tradição não cristã, no entanto versadas nos saberes mais antigos, herdados muitas vezes pelo caráter de hereditariedade, aprendidos quase sempre através dos relatos orais. Saberes que segundo as palavras de Julio Caro Baroja (1978):

Por outras palavras, a ciência mágica supõe uma transmissão de geração em geração, e não insistirei aspecto tradicional, já estudados por antropólogos de génio. As alusões mitológicas, os socorros pedidos aos deuses vêm do fato de se considerar a fórmula mágica com a herança de épocas em que o homem estava muito perto dos deuses. E, na realidade, os arquétipos das mágicas clássicas vivem na idade dos heróis e dos semi-deuses, eles próprios filhos dos deuses ou sendo-lhes aparentados. Aí está a razão pela qual a magia maléfica se desenvolveu particularmente a Tessália, por exemplo, de que Apuleio dirá mais tarde que as suas magas tinham poder sobre a Natureza (BAROJA, 1978, pp. 50-51).

Então, as mulheres, tornar-se-iam referências enquanto agentes da magia, sobretudo, magia utilizada em favor da medicina. Seu conhecimento, obtido por uma oralidade advinda de gerações que se ampliaram através do empirismo aplicado às suas práticas. A aplicação de remédios com a utilização de ervas, raízes, folhas e flores é um costume que foi preservado até os dias atuais, com mais ou menos fidelidade ao receituário original. Assim podemos assinalar acerca delas e das suas práticas o que diz Barstow (1995, p.133): “O trabalho de uma curandeira de aldeia e de sua correspondente urbana cobria o que podemos chamar de magia, bem como de medicina”.

Adiante observaremos através das lentes de Ginzburg (2012) que essas mulheres ligadas ao universo do fantástico, que dominavam e manipulavam as forças mágicas seriam vistas também como bruxas, e em alguns momentos, seriam conhecidas como curandeiras, que segundo o autor, em sua pesquisa em Friul assinala que:

As bruxas podem ser encontradas pelo mundo todo; elas fazem feitiços e comem crianças. [...] Circulam por toda parte e vão a todas as casas, conforme o seu desejo, sem serem vistas por ninguém; fazem encantamentos com os quais consomem as criaturas pouco a pouco, até fazê-las morrer. [...] São muitas as bruxas do Friul, são mais de cem, mas eu não posso citá-las nominalmente porque não sei os nomes delas. É verdade que eu as vejo todas as quintas-feiras à noite na congregação das bruxas [...] à qual vou também com os outros homens que são benandanti como eu; nós vamos ao prado circular dos pântanos de Malizana, onde, juntamente com as bruxas e os feiticeiros, encontra-se o demônio sob a forma de um asno, ou melhor, de um burro com chifres, mas sem as cruces sobre as espáduas que os asnos têm. Durante a congregação, dança-se e come-se, ou melhor, tem-se a impressão de dançar e de comer, as bruxas reunidas em assembléia vão todas [...] beijar o cu do diabo e, a seguir, o diabo lhes dá poder para fazer o mal, isto é, fazer encantamentos, fazer definhar as pessoas e provocar tempestades (GINZBURG, 2012, p.133).

Ressalta-se que tanto a curandeira quanto a benzedeira estavam ligadas a uma tradição oral pré-cristã, tradição essa que trazia alívio aos que padeciam de diferentes enfermidades.



Assim, a cultura que emoldura a tarefa da benzeção e as práticas de cura carrega em si traços de poder explicados pela intervenção do sobrenatural. Desta maneira, vale lembrar que no cotidiano da população das áreas de difícil acesso, seja por meios materiais seja por questões geográficas que lhe colocava fora do alcance médico tradicional, será maior e mais abrangente o papel delas – as curandeiras e benzedoras. Daí o fato dessa realidade, se apresentar com dois elementos que apontam na direção contrária a elas [as benzedoras e as curandeiras], a medicina tradicional e os conflitos religiosos. Entretanto, é construída dentro da Igreja Cristã uma intolerância àqueles que eram agentes do bem, segundo Ginzburg (2012, 63):

Frei Felice da Montefalco indaga a respeito de uma mulher de Cividale, Caterina, chamada “a Vesga”, viúva de um certo Andrea da Orsaria, acusada de praticar “*non nullas maléficis artes*”¹⁹. Interrogada a 14 de setembro, ela declara que a sua ocupação é “costurar e tecer”, mas sabe curar as moléstias das crianças, pronunciando algumas palavras, que não considera supersticiosas (GINZBURG, 2010, p. 63-64).

Incontestavelmente é percebido que durante o passar das gerações tais ritos praticados por essas atrizes da benevolência perpassam de um estigma à aceitação, e não obstante o fato dessa benzedora acessar de fato as comunidades mais distantes e mais empobrecidas, nas quais os profissionais da medicina não conseguiam tocar, também centenas de milhares de mulheres tiveram seus filhos vindos ao mundo pelas suas mãos, as mãos das mulheres praticantes de benzeções e curandeirismos. O uso da tortura²⁰ era recomendado a todos os Inquisidores e juizes seculares²¹ que queriam confissão em apoio à acusação feita de bruxaria.

A resistência ao sofrimento físico tinha sua fonte numa marca de insensibilidade, que não vertia sangue, o *punctum diabolicum*²², que era preciso descobrir, picando com uma agulha o corpo da acusada²³. Com o mesmo objetivo, podia haver outras marcas e amuletos que as bruxas dissimulavam em suas vestes ou em alguma parte do corpo. Como a apuração disso, representaria uma nova prova que os juizes deveriam procurá-la com cuidado. Recomendam então Kramer e Sprenger que eles comecem seus trabalhos designando peritos, médicos ou cirurgiões-barbeiros, para despirem a ré e lhe raspem todos os cabelos e pelos do inteiro corpo. A razão, explicam, é que as bruxas, “para conservarem o poder do silêncio, têm o hábito de esconder objetos supersticiosos nas roupas e nos cabelos, até mesmo nas partes mais secretas do corpo, cujo nome não nos atrevemos mencionar” (GONZAGA, 1994, pp. 168-169).

Quem nascia de gênero feminino na Idade Média já era uma grande desvantagem no tocante a suspeita de bruxaria e isso nivelava as mulheres independentemente de suas poses. O

¹⁹Algumas artes maléficis (N.T.)

²⁰ Por que algumas bruxas não confessam a verdade mesmo sob as maiores torturas, enquanto outras prontamente confessam seus crimes tão logo são interrogadas? (Algumas, após terem confessado, chegam a tentar enforcar-se). A razão é a seguinte. Pode-se dizer, verdadeiramente, que quando não é por algum impulso divino – conduzido por um santo anjo – que a bruxa confessa a verdade e abandona o período de silêncio, há de ser, então, por causa do Diabo que ela ou vai se manter em silêncio ou vai confessar seus crimes. Ficarão em silêncio quando ele sabe que negaram a fé com seus lábios e com seu coração, e que também lhe prestaram sua homenagem; pois ele tem certeza de sua fidelidade. No último caso, ele retira a sua proteção, já que sabe que elas não lhe trarão mais nenhum lucro (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 228).

²¹ Eram juizes civis que exerciam poder e autoridade a todos aos acusados que foram relaxados ao braço secular e condenados à morte (HERCULANO, 2009, p.509).

²² Era um procedimento realizado no corpo da acusada, que consistia em espetar o seu corpo com uma agulha que era uma evidência pioneira e necessária para legitimar e comprovar a existência e a etiologia do mal (BATISTA, 2011, p. 18).

²³ Veja-se no anexo 86.



primeiro registro de um *sabbat*²⁴ é de 1330-40, num processo da Inquisição de Carcassonne e de Tolosa. Desde então, passaria a frequentar a imaginação aterrorizada de eclesiásticos e leigos, homens cultos e camponeses analfabetos, fundindo os mitos mais diversos da cultura ocidental (SOUZA, 1987, p. 21). Acerca dos aspectos das cerimoniais secretos das bruxas:

Além da missa negra que se realizava nos dias santos, com a imagem de satã sobre o altar, famoso foi o “sabá”, assembleia que, na meia-noite dos sábados, reunia bruxos e bruxas, sob a presidência do diabo com a forma de um bode. Começava a festança quando todos deviam beijar o traseiro desse animal. Seguiam-se comidas e bebidas fartas, em meio a imensa orgias e depravações sexuais, inclusive com os demônios presentes, e era voz corrente que também se procedia ao sacrifício ritual de crianças. Havia firme convicção de que os demônios podiam manter relações carnis com seres humanos; tanto demônios masculinos (íncubos) com mulheres, como demônios masculinos (súcubos) com homens. Às vezes isso ocorreria quando a vítima, dormindo, se achava desprevenida. Muita angústia deveria causar, na crédula alma popular, a perspectiva de que essas uniões pudessem gerar frutos, meio humanos, meio satânicos (GONZAGA, 1994, p. 163).

Para ir ao *sabbat*, as bruxas besuntavam seus corpos com unguentos e3speciais oferecidos pelo Demônio ou era por elas confeccionada, segundo receitas diabólicas, expressamente arranjada para essa finalidade. Para Laura de Melo e Souza (1987) as bodas místicas e casamento diabólico, flagelação sexual e êxtase místico eram duas faces de uma mesma moeda. Esta complementariedade se mostrou de forma acabada, exemplar, nos casos de possessão coletiva que sacudiram os conventos franceses na primeira metade de século XVII. O momento era conturbado: guerras religiosas fratricidas ensanguentavam o solo da França, sucediam-se os levantes populares contra a cobrança de impostos.

Mandrou detectou [...] nesses três episódios²⁵, o que chamou de “elementos do escândalo”, comuns a todos: o meio urbano, as freirasoriginárias de famílias buguesas ou de pequena nobreza, a presença de uma padre feiticeiro, os conventos à mercê dos demônios, a exploração de rivalidades entre diferentes clérigos, a ocorrência de exorcismos públicos, que funcionavam como elementos reiteradores da fé e da religião católica, aparentando-se das

²⁴ O *sabbat* era uma grande assembleia demoníaca realizada numa clareira e frequentada por homens e mulheres das mais diversas condições sociais. Presidia-o Demônio ou então um dos demônios auxiliares, que sempre se achavam presentes em número considerável a forma, demoníaca variada: ora humana, ora animal, como um grande bode negro, o mais comum, entretanto, é que congregasse elementos humanos e zoomórficos, somando-se num todo disparatado e desarmonioso, próprio daquele que era o Macaca de Deus (SOUZA, 1987, p. 21).

²⁵ Três desses episódios merecem destaque especial, dadas as dimensões que alcançaram. Robert Mandrou, o historiador que melhor os estudou, chamou-os de “processos escandalosos” e os viu como “três fases sucessivas de um mesmo escândalo”, que envolveu freiras e diretores de consciência, ou seja, os seus confessores. O primeiro deles teve lugar em Aix-em-Provence, em 1611, e envolveu a ursulina Madeleine Demandols e o confessor Gaufridy, que acabou sendo queimado como bruxo. O segundo, ocorrido em Loudun, entre 1632 e 1634, foi o mais célebre, inspirando romances e filmes – *Os demônios da loucura*, de Huxley, *Madre Joana dos Anjos*, de Jerzy Kawalerowicz, *Os demônios*, de Ken Russell. Os principais protagonistas desse episódio foram a superiora de um pequeno convento de ursulinas, Joana dos Anjos, e o cônego do lugar, muito apreciado como pregador, Urbain Grandier. Por fim, o terceiro se desenrolou durante anos, entre 1633 e 1647, num convento de hospitalárias normandas, em Louviers, e teve como atores Madeleine Bavent e dois eclesiásticos, Picard e Boulé. Este último e Grandier tiveram sorte a igual à de Gaufridy; Picard já se achava morto por ocasião do processo, mas, mesmo assim, seu cadáver foi queimado. Além das freiras citadas, muitas outras se disseram possuídas pelo Diabo e sofreram exorcismos públicos assistidos por multidões (SOUZA, 1987, pp. 23-24).



fogueiras, dos enforcamentos, dos Autos de Fé e, como eles, expressando a exacerbada sensibilidade barroca.

Tradicionalmente, a bruxa, era vista ainda com aparência de uma mulher idosa, esquelética e solitária. Inspirando maldade que estava a serviço da maldade.

A precariedade da vida na época, a miséria, a incidência de doenças provocaram grande mortalidade infantil. Tanto no meio rural quanto no urbano a bruxa funcionou como espécie de bode expiatório, como aliviador de tensões geradas por esta conjuntura cruel. Um bebê nascera são, roliço, corado e, repentinamente, abandonara o peito materno, recusando alimento, definhando? Uma bruxa o chupara, matando-o, como fazia com as colheitas, a bruxa tinha especial inclinação em destruir o fruto das uniões entre os homens. No sul da França, acreditava-se que enforcava ou sufocava recém-nascidos em seus berços (SOUZA, 1987, p.18).

Percebe-se que esse ambiente de intolerância foi sendo delineados sentimentos de medo e com isso construído e amalgamado uma teia dogmática extremista à mulher. Quando lemos os interrogatórios entre o final do século XVI e a primeira metade do XVII, das supostas confissões dos acusados de “artes mágicas” que foram obtidos por fruto da tortura e interrogatórios sugestivos, observou que muitos destes “rituais” estavam ligados a fertilidade da raça humana como também o da terra. É certo que essa guerra desenfreada a “caça às bruxas”, era também uma guerra e violência²⁶ de gênero: masculino X feminino, então era o combate às últimas formas do matriarcado²⁷, certo é que para Cavalcanti:

Quando a fé tem inspiração mística, mas o clero alega ser a intermediação divina, torna-se difícil impor hierarquias mundanas rígidas em um cotidiano que pode tornar-se pouco disciplináveis. Um exemplo destes saltos desmistificadores está na própria descrença inquisitorial em bruxas no último século e meio da Inquisição. A bruxa é uma inversão do culto mariano: é a Virgem Maria às avessas! De forma semelhante, o *sabbat* é a Missa invertida (CAVALCANTI, 2015. p. 155).

Através da revisão bibliográfica dos teóricos já aqui assinalados, e levantamentos de documentos que dizem respeito ao contexto da perseguição e intolerância dessas mulheres, bruxas e curandeiras, cuidando da observância dentro da temática os motivos pelos quais as mulheres se transfiguram em bruxas, ressignificando novos valores e símbolos, que por sua vez são inseridos no imaginário coletivo Medieval e Moderno, dessa figura enigmática.

Tais mulheres que eram classificadas como bruxas, feiticeiras, parteiras e ou curandeiras são estigmatizadas por uma mentalidade que rejeitava não apenas o discurso da sabedoria oral pré-cristã, mas em toda a sua plenitude do gênero feminino. Ocorria esta indizível retaliação pelo simples fato de agirem e atuarem em suas comunidades como agentes de cura. Mesmo

²⁶ A violência pode ser percebida pela identificação do sujeito violento e do sujeito-objeto violentado, bem como corpo mutilado, o sangue derramado, a morte, a destruição do ser, a dor e o sofrimento. Pode, envolver também, ações e sujeitos invisíveis. Gênero é como “elemento constitutivo das relações sociais e históricas fundadas sobre diferenças percebidas entre os dois sexos, mas que não são consequência direta nem da biologia, nem da filosofia e que explicam persistentes desigualdades de todos os tipos entre mulheres e homens”, segundo Grossi e Werba. (UNSI, 2009, pp. 20-21).

²⁷ Matriarcado é originalmente um conceito mais político-jurídico que designa certas formas de organização social determinadas não pela linha do pai, mas da mãe (matrilinearidade de herança e sucessão, atribuição do nome conforme a mãe, matrilocidade do matrimônio etc.) (SCHOTTROFF; SCHOROER; WACKER, 2008, p. 50).

com a referência de uma utilização dos valores “mágicos”, os ditos agentes da verdade continuavam e insistiam no combate tenaz as curandeiras. Saber a causa desses males, não era o motivo pelo qual eram movidas, mas sim prover os meios que os livrariam desse mal.

Não obstante, no Brasil setecentista, serviu também como palco para a exibição da figura mítica da bruxa que foi aderindo ao imaginário coletivo local. Reiteramos que o “novo mundo”, fruto do empreendimento das Grandes Navegações, propuseram e fortaleceram aos nativos a catequização oriunda das vozes missionárias e evangelizadoras da Companhia de Jesus.

2.2 A figura mítica da bruxa no imaginário coletivo

Em 1551, A jurisdição do Tribunal de Lisboa é estendida às ilhas atlânticas Portuguesas (Açores e Madeira), a Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné e São Tomé (GREEN, 2011). Nas terras brasileiras o Tribunal do Santo Ofício nunca foi instaurado, todavia houve algumas visitas²⁸ do Santo Ofício que tiveram como objetivo averiguar algum tipo de acusação. Estes estiveram nas capitanias mais prósperas da época. Grão-Pará, Pernambuco e Bahia²⁹. A colônia portuguesa na América era um mundo inusitado, desde suas primeiras expedições de reconhecimento era envolta a mistérios onde o perigo estava presente a espreita entre os rios, riachos, pantanais, florestas e montanhas. Para o Português o clima causava estranheza. Tão ignoto quanto a terra e o clima, surgiu um novo homem, o índio, portador de uma cultura totalmente singular. Não demoraria a religião oficial e catequética identificasse o misticismo religioso embrenhado nas costas do nordeste brasileiro.

Relacionavam-se interinfluenciavam-se mitos e religiões. Através da mitologia indígena transparece com nitidez que possuíam os selvícolas a consciência de terem sidos criados, da existência do Bem e do Mal antagonizando-se dos bons e dos maus espíritos que coabitavam com os homens protegendo-os ou atormentando-os conforme conseguissem ou não estes concitá-los para o bem. Por isso, aceitavam temores à mediação dos

²⁸ Da tradição medieval, tanto no plano da jurisdição eclesiástica dos prelados quanto no plano da jurisdição régia, provinha à prática, associada em certo momento à ideia de correição jurídica e administrativa, de uma justiça ambulante. Se não vinham os povos buscar seus juízes, devia estes sair ao encontro deles, para acudir ao bem de cada súdito. A progressiva centralização do poder da cúria régia, transferindo a justiça maior para a corte dos reis, em lugar das justiças senhoriais dos castelos vizinhos, aumentava a distancia entre os juízes e os que precisavam deles. Comunicações difíceis, transportes impraticáveis para os pobres sem meios, caminhos inseguros, pressões dos poderosos, obstavam os deslocamentos. Para coibir abusos, distribuindo justiça, e solvendo questões de vária ordem, viajavam os próprios reis ou delegados seus pelo país a fora, muitas vezes desafiando as jurisdições senhoriais. Da mesma forma procediam aos mais altos dignitários da Igreja, a proteger suas ovelhas distantes, a proceder contra pastores prepotentes ou negligentes [...] A prática das visitas foi, no século XVI, adotada pela Companhia de Jesus, que enviava às províncias distantes seus visitantes – um dos quais foi Fernão Cardim, ao Brasil, de cuja viagem resultou informações tão preciosas sobre os primeiros tempos da vida colonial (SIQUEIRA, 2016, p. 157).

²⁹ Em 1591 e em 1618, Visitadores do Santo Ofício percorreram as terras da Bahia e de Pernambuco. Dois momentos da mesma conjuntura política e espiritual da Metrópole diferenciada apenas por nuances [...] Os fatos conhecidos atestam a presença dos Inquisidores em fim do século XVI e início do XVII. O que teria precipitado sua vinda? Informações dos agentes do Tribunal aqui radicados, contendo denúncias tão graves que exigiram investigações de autoridades vinda especialmente para isso? Improvável. Os homens que detinham o poder no mundo colonial eram bastante ciosos de suas prerrogativas e preeminências – e, porque não dizer, de suas liberdades – para se agradarem de ver estabelecida autoridade superior e gerir negócios de sua alçada e competência. De mais a mais, outras vezes em que o Tribunal de Lisboa sentiu necessidade de inquirir especificamente em certos casos, ordenou aos seus agentes, ou determinados eclesiásticos radicados no Brasil, que procedessem em seu nome. A comissão passada aos padres do Colégio Jesuíta na Bahia em 1645 é um dos exemplos. De outro lado, a impressão de benignidade que resulta da análise dos procedimentos dos Visitadores afasta a suspeita de necessidade de um rigor mais escrito (SIQUEIRA, 2016, p. 158).



pajés, que por terem relações com os espíritos podiam pô-los ao próprio serviço (SIQUEIRA, 2016, p. 46).

Com o processo de catequese advindo pela Companhia de Jesus, nota-se que os índios continuavam com suas práticas religiosas e culturais que paulatinamente foi sendo sincretizada à religião cristã³⁰. Cabia aos evangelizadores da nova fé combater alguns modelos de arranjos familiares que os indígenas faziam como é o caso da poligamia e em algumas tribos. Era comum o ritual ou prática da antropofagia pelos tupinambás.

Em Piratininga, da Capitania de São Vicente, Caiubi, velho de muitos anos, deixou uma [mulher] de sua nação, também muito velha, da qual tinha um filho homem muito principal, e muitas filhas casadas, segundo seu modo, com índios principais de toda a aldeia de Jeribatiba [...], e sem embargo disso casou com outra [...], sua escrava tomada em guerra, a qual tinha por mulher, e dela tinha quatro filhos, e esta trazia consigo, e com ela estava e conversava, e depois recebeu in lege gratiae, sem a primeira mulher nem os filhos e genros fazerem por isso sentimento algum (ANCHIETA, 1988, p. 354).

A doutrinação era aceita epidermicamente tanto pelos indígenas como também pelos negros³¹ africanos, haja vista sua espiritualidade e ritualística eram praticadas em sigilo. No Brasil colônia percebia-se um caldeirão de religiosidades que se complementavam e confluíam entre si. O paganismo não foi combatido, e sim, superado pelo sincretismo religioso e a aceitação de costumes que estavam prenes a moral.

A defesa moral é mais fácil para o herdeiro espiritual dos missionários. De Pauw imputa quatro vícios aos indígenas: gula, embriaguez, ingratidão e pederastia. Clavigero nega o primeiro e o terceiro; reconhece o segundo, porém diz que difundiu com a vinda dos espanhóis; e se escandaliza com a quarta acusação como sendo uma calúnia infame, quando aquele vício é tão comum na Ásia e Europa. Admite, no entanto, que nas relações familiares “o

³⁰ Ainda no primeiro século de vida, a colônia veria proliferar em seu solo as Santidades sincréticas, misturas de práticas indígenas e católicas. A mais famosa delas foi relatada pela Primeira Visitação do Santo Ofício ao Brasil: a de Fernão Cabral de Tapide, senhor do engenho Jaguaripe. Este senhor permitia em suas terras um culto sincrético realizado por índios em que se destacavam uma índia a que chamavam Santa Maria e um índio que ora aparece como “Santinho”, ora como “Filho de Santa Maria”. Os devotos tinham um templo com ídolos, que reverenciavam. Alguns depoentes aludem a um papa que vivia no sertão, que “dizia que ficara do dilúvio de Noé e escapara metido no olho de uma palmeira”. Os adeptos da Santidade diziam “que vinham emendar a lei dos cristãos”, e, ao fazer sua cerimônia “davam gritos e alaridos que soavam muito longe” “arremedando e contrafazendo os usos e cerimônias que se costumavam fazer nas igrejas dos cristãos, mas tudo contrafeito a seu modo gentilico e despropositado”. “Santa Maria”, ou “Mãe de Deus”, batizava neófitos, tendo nisso a permissão de Fernão Cabral e de sua mulher, Dona Margarida. (SOUZA, 1986, pp. 94-95).

³¹ Através das pesquisas se sabe que os primeiros negros a chegar ao Brasil foram os Congos, trazendo consigo suas tradições, mitos e cultura, que viriam no futuro alterar a influência cultural colonialista. Com o decorrer dos anos, houve a penetração dos portugueses na África Ocidental, melhor dizendo, na Costa do Ouro (ELMINA), Dahomey, Ouidah e outros mais, grupos estes que começaram a se associar sob pressão dos brancos, sendo trazidas para o Brasil [...] A origem da confusão de deuses e nomes e até mesmo a mistura de dialeto, deu-se a partir daí. Pois o que se sabe pelos antigos, é que quando esses negros estavam sob o poder dos “brancos”, como se intitulavam os senhores, eram colocados nos navios negreiros africanos de várias procedências e dialetos diferentes, de modo que não pudessem se comunicar uns com os outros e não fugissem, pois se fossem de um só grupo, poderiam facilitar a fuga e até mesmo armadilhas para liquidar com seus mercadores. Contudo, essa coisa foi tão absurda que os índios, judeus e africanos eram obrigados a adotar novos nomes, submetidos ao batismo católico. Essa formalidade acabou gerando uma união entre africanos, índios e brancos, os africanos não podendo se manter totalmente fiéis às suas origens. Alguns, por falta de sacerdotes da mesma tribo, submeteram-se à cultura de outros, e tal era a repressão, que os negros praticavam seus rituais de forma que não despertasse em seus senhores a menor suspeita (FERREIRA, 1990, pp. 29-30).



amor que os maridos consagram a suas mulheres é menor que aquele que as mulheres dedicam aos seus maridos”. Mas, sublinha este jesuíta singular: “É comum, se não generalizado nos homens, serem menos dedicados a suas mulheres que às dos outros”! (GERBI, 1996, p. 166).

O objetivo da Igreja Tridentina no Brasil era montar uma unidade de fé cristã sólida. Promover a evangelização do novo mundo e consolidar a dogmática católica. Posteriormente, percebem-se algumas vicissitudes que influenciou as visitas inquisitoriais ao Brasil. A Inquisição nas terras brasileiras exerceu uma tônica diferenciada das que já tinham ocorrido na Europa, pois a colônia possuía uma dinâmica peculiar. Nisto a atuação do Santo Ofício atuou com certa brandura, mesmo porque era extremamente difícil para o Visitador³² julgar a maldade intencional ou deslizes dos habitantes na colônia possuindo a mentalidade europeia.

Aceito o sincretismo – consciente ou inconsciente, voluntária ou involuntariamente – predispunham-se os espíritos para a tolerância. Os brancos tinham se adaptado às novas necessidades. No mundo brasileiro a Inquisição estava desarmada. Pior ainda: foi incapaz de obturar as frinchas que as manifestações sincréticas escavavam no edifício da ortodoxia. Nele o hibridismo espiritual do Brasil tornara impossível a unidade das consciências em termos idênticos aos europeus. Esse hibridismo de crenças era tão fatal quanto o de raças. A mestiçagem era a resposta do grande desafio que as terras brasileiras lançaram ao branco. Era a sua grande possibilidade de subsistência. E ele – o branco – tinha-se decidido resistir. (SIQUEIRA, 2016, pp. 61-62).

A sociedade colonial brasileira era composta por índios pagãos ou semipaganizados, negros e mamelucos. Foram ainda importados do velho mundo para a América Portuguesa cristãos-velhos, cristãos-novos³³ e criptojudeus³⁴. Nessa mistura racial, a religiosidade cristã é abalada e a sexualidade imprimia profundas marcas na mente evangelizadora e colonizadora. Os deslizes que os colonos cometiam e quando perdoados pela Igreja Católica e Tribunal do Santo Ofício, muitas vezes, tais indivíduos ao retornarem ao sertão, culminavam em reincidir nos pecados de outrora.

Para o judeu o que antes era lugar de degredo, agora começara a tornar-se uma terra de oportunidades³⁵. Os cristãos novos chegam gradativamente, proporcionando um movimento

³² Os Visitadores viajavam para cumprir suas missões. Expunham-se a todos os desconfortos que os deslocamentos então acarretavam. Mau estado dos caminhos, onde nem sempre encontravam casas religiosas para se abrigarem. Inclemência do tempo. Inseguranças pessoais, num tempo em que a miséria e a fome faziam proliferar os delinquentes e os salteadores, emboscando-os ao longo das estradas [...] O Visitador fazia, quando possível, anunciar sua chegada, a fim de encontrar à sua espera as pessoas mais gradas, civis e sotainas. Esperavam-se homenagens, decorrências fatais de sua dignidade. No momento de sua chegada o Visitador passava a ser a maior autoridade eclesiástica do lugar. Juravam-lhe colaboração e obediência funcionários do Rei e membros da Igreja, desde o momento em que exibisse sua dupla credencial – patente do Rei e delegação do Santo Ofício (SIQUEIRA, 2016, pp.223-224).

³³ D. Manuel, pressionado pela nação vizinha, concorda em expulsar de Portugal seus súditos judeus, mostrando entretanto que não queria perde-los: proíbe-lhes a saída e ordena que todos se convertam ao Catolicismo pela força (NOVINSKY, 1992, p. 30); O cristão novo, batizado à força, torna-se sinônimo de desordem pela persistência sempre possível de sua judaicidade e pelo supranacionalismo (SIQUEIRA, 2016, p. 134).

³⁴ Os conversos eram elementos de desordem não por deixarem de ser portugueses ou católicos. Eram causas de desequilíbrio porque a maioria não lhes permitia serem portugueses se não fossem católicos. A incompreensão do tempo em que a nacionalidade e o cristianismo eram termos equivalentes gerava tensões. Urgia que se procedesse a uma assimilação real e total. A simulação era o maior perigo. O povo tinha percebido esse pseudo-sincretismo e sentindo-se enganado abrigava ressentimentos (SIQUEIRA, 2016, p. 151).

³⁵ A vinda para o Brasil quase sempre alçava o cristão novo a um *status* mais elevado. Contudo, o fato de um elemento conhecido por toda nação como inferior vir a ocupar posição igual à do fidalgo ou do clérigo, que se consideravam tradicionalmente herdeiros legítimos e únicos de todos os privilégios, não foi recebido sem reação, mesmo numa atmosfera niveladora como a da Colônia (NOVINSKY, 1992, p. 59).



migratório iniciado em princípios do século XVI, e que a partir da segunda metade se tornou mais intenso. (NOVINSKY, 1992, p. 57).

O cristão novo no Brasil apresenta algumas características extremamente interessantes e que o distinguem nitidamente dos cristãos novos que emigraram para os países do norte da Europa ou para o Levante. Miscigenou-se com a população nativa, criou raízes profundas na nova terra, integrando-se plenamente na organização social e política local. Esta organização, ao mesmo tempo que permitiu a integração e acomodação do cristão novo, sofreu reciprocamente, deste, profunda influência. (NOVINSKY, 1992, p. 58).

A sociedade colonial brasileira se torna sincrética, estava prenhe de diversos elementos simbólicos, religiosos e míticos. Sua atmosfera trazia contida também uma cultura sensual bem atenuada que se confluía nesta mistura racial que foi se adensando com o decorrer das gerações. A Igreja Católica se via impotente, pois até seus próprios ministros sucumbiam às tentações e acabava achando natural todo esse erotismo.

Se dentro da Igreja os padres exerciam o papel de porta-vozes da pregação moralizante, a distância entre seus sermões e as práticas heterodoxas de suas ovelhas fazia com que fora da mesma igreja, pastores e ovelhas abandonassem as máscaras. Se dentro do templo, os clérigos pareciam estar acima do bem e do mal isolados no púlpito, nas ruas e estradas que levavam para fora das pequenas cidades coloniais, eles se misturavam às mulheres que desempenhavam ofícios cotidianos extra-lar. Vendeiras, negras de tabuleiros, lavadeiras, costureiras e comerciantes de retalhos, viviam o agitado dia-a-dia de seus ofícios, cruzando com padres que, para sobreviver, com seus poucos rendimentos, também precisavam trabalhar (PRIORI, 1989, pp. 38-39).

Uma prática que se tornara comum no Brasil colônia era a prostituição de escravas. Que para não terem suas imagens contaminadas, nas primeiras décadas do século XIX, as senhoras tomavam o especial cuidado de esclarecer nos recenseamentos, que “viviam da honesta subsistência do jornal de seus escravos” (PRIORI, 1989, p. 24).

Quais as bruxas que as *Visitações*³⁶ do Tribunal do Santo Ofício encontraram ao chegar às terras brasileiras? Os Inquisidores encontraram as mesmas bruxas que cortavam os céus Europeus sentadas em suas vassouras. As bruxas que eles encontraram não diferiam em nada de sua delicadeza e simplicidade. Eram mães, esposas, filhas, irmãs, em fim, parentas próximas e ou distantes que tiveram suas vidas influenciadas pela cultura onde nasceram. Com a origem no Gênesis, a Eva é reinventada e o mito dessa mulher voluptuosa e perversa atravessa os séculos com momentos de exaltação e tem a entonação contumaz desse discurso misógino de uma voz pastoral fora da essência primordial do cristianismo.

³⁶ De tempos em tempos esquadriavam-se determinados ligares para se descobrirem os inimigos da Fé [...] As visitas não se enquadravam numa rotina. Faziam-se às vezes. Só um estudo a fazer-se dos livros do Conselho Geral e da correspondência dos Inquisidores poderá aclarar os motivos das *Visitações*. Talvez se encaixem no clima de antagonismo que estabelecia a alternância de solicitações não rítmicas ora do ideal ora da materialidade da vida. Teriam as *Visitações* acompanhadas ocorrências de flutuações de caráter político? Ou seriam notícias de exacerbações de pecados, reacendimento de heresias em algumas áreas por qualquer razão afetadas? O anti-marranismo sempre vivo alentaria a tendência à responsabilização dos cristãos novos por qualquer clima de desordens morais ou religiosas para o qual afinal todos contribuíram (SIQUEIRA, 2015, p. 656).